

Desafios da diversidade cultural nos museus do séc. XXI⁹

Ana Carvalho

CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e
Sociedades da Universidade de Évora.

Resumo: Mudanças na forma como os museus se relacionam com a sociedade têm levado a que assistamos hoje a uma maior responsabilidade para com as comunidades que os museus servem. O museu do séc. XXI é porventura um museu que celebra a diversidade cultural, mais interessado no património imaterial e no diálogo entre culturas. Algumas das experiências actuais implicam a participação das comunidades de diferentes formas e a diferentes níveis. No âmbito desta investigação pretende-se analisar as estratégias desenvolvidas por três museus europeus com colecções etnográficas, que em diferentes contextos culturais, enfrentam os desafios contemporâneos de uma museologia mais representativa, inclusiva e participativa. Este artigo enquadra teoricamente a investigação em curso e faz um primeiro balanço do trabalho desenvolvido.

Palavras-chave: Museus e Diversidade cultural; Multiculturalismo; Globalização; Museus Etnográficos; Papel Social dos Museus; Museus e comunidades.

Abstract: *Changes in the way museums connect with society as lead to an increased responsibility regarding the communities that museums serve. The 21st century museum is perhaps a museum that celebrates cultural diversity, more involved with intangible heritage and with the dialogue between cultures. Some of the current experiences in the museums world tend to incorporate the participation at the core of their praxis in different ways and levels of depth. In the framework of this research, the objective is to study the strategies implemented by three European museums with ethnographic collections, which in different contexts face the challenge of a more representative, participative, and inclusive museology. Therefore, this article presents a preliminary analysis.*

Key-words: *Museums and Cultural Diversity; Multiculturalism; Globalization; Ethnographic Museums; Museum Social Role; Museums and Communities.*

⁹ Este artigo tem por base a investigação desenvolvida no âmbito de um projecto de doutoramento na Universidade de Évora (CIDEHUS e CEHFCi) com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

Introdução

A complexidade do mundo actual, um mundo globalizado, traz novas perspectivas e desafios aos museus. No conjunto de ensaios reunidos em “Museum Frictions” (Karp & et al., 2006, p. 522) reconhecem-se neste contexto mudanças significativas para os museus, que passaram a adaptar-se a um contexto mais diverso, mas também contraditório e, por vezes, conflituoso. A globalização tem sido frequentemente associada à ideia de compressão do tempo e espaço e de novas formas de comunicação e transporte, permitindo, por sua vez, os contactos e as relações de carácter social e cultural entre pessoas que antes estavam separadas, tanto geográfica como culturalmente (Kratz e Karp, 2006, p. 4). Por sua vez, os fluxos migratórios que transformam as cidades em cidades multiculturais levam ao reequacionar de políticas, fazendo com que os museus se deparem também com potenciais públicos e a necessidade de repensar estratégias e práticas. Neste contexto, o multiculturalismo oferece renovados desafios para os museus, sobretudo os etnográficos (Pieterse, 2005). Afinal, o “Outro” passou a ser o nosso vizinho (Muñoz, 2008, p. 61).

Sobre o papel dos museus nesta matéria, o antropólogo Anthony Shelton sublinha uma responsabilidade acrescida aos museus etnográficos e aos museus com colecções não-europeias e a necessidade de dar resposta a estes novos públicos que foram, em grande medida, o objecto de estudo no passado (cit. em Lagerkvist, 2008, p. 90).

A progressiva valorização da diversidade cultural tem feito parte do discurso político relativamente à globalização. Em resposta a estes desafios, em 1997, o ICOM formulou um conjunto de orientações para o desenvolvimento de estratégias neste contexto (Museums and Cultural Diversity: Policy Statement), sublinhando a importância de uma museologia mais inclusiva, equitativa e democrática (ICOM, 1997). Não obstante, também a UNESCO tem assumido a importância da diversidade cultural como instrumento favorável à democracia, à tolerância, à justiça social e ao respeito entre diferentes culturas. Disso é exemplo a Declaração Universal da Diversidade Cultural (2001), que reconhece que a diversidade cultural é tão importante para a Humanidade como a diversidade biológica é para a natureza. Esta ideia é, mais tarde, confirmada na Convenção sobre a Protecção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005) e, de certo modo, também pela Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (UNESCO, 2003), uma vez que o PCI é um elemento fundamental da identidade e da diversidade cultural. Tanto nos princípios da UNESCO como nas orientações do ICOM prevalece a ideia de que todas as culturas são igualmente válidas e que o seu entendimento deve servir objectivos de paz, promover o diálogo intercultural e contribuir para o desenvolvimento e sustentabilidade cultural.

Em 2000, Eilean Hooper-Greenhill ao propor a emergência do “pós-museu”, em oposição a um modelo mais tradicional, o “museu modernista”, sublinhava que o museu do futuro implicaria uma maior atenção para as relações que se estabelecem entre os objectos e as pessoas, em detrimento de uma abordagem demasiado centrada na cultura material e na acumulação de objectos (p. 152). E também o património imaterial passa a assumir especial interesse, uma vez que as colecções são enriquecidas a partir da dualidade: material e imaterial (memórias, significados, etc.). Por outro lado, enquanto para o “museu modernista” as exposições são assumidas como um dos eixos mais importantes da comunicação, para o “pós-museu” importa também todo um conjunto de eventos e actividades mais alargado, que têm lugar antes e depois da exposição propriamente dita. Mediante um processo mais dinâmico, as comunidades são convidadas a participar nestes eventos, nomeadamente na construção de conhecimentos, permitindo a introdução de diferentes leituras, perspectivas e interpretações. O conhecimento torna-se, assim, fragmentado e multivocal. Esta proposta configura, assim, um museu do futuro mais centrado nas comunidades e na celebração da diversidade cultural (p. 153).

O compromisso com a diversidade cultural pode revelar-se, assim, um aspecto fundamental nas estratégias dos museus, independentemente da sua natureza. Todavia, parece claro que as preocupações com a diversidade cultural assumem especial relevo para os museus etnográficos, enquanto locais especialmente dedicados à apresentação de culturas. Também estes museus não escapam aos problemas de reconstrução da ideia de museu e de articulação com uma sociedade em transformação. Em 1987, as críticas de Kenneth Hudson sobre o papel e relevância dos museus etnográficos ficariam conhecidas ao considerar que estes não faziam parte da sua lista de “museus de influência” (p. xiii). Mais recentemente, Paul Voogt e Lydia Kitungulu (2008) ao reflectirem sobre os museus etnográficos, especialmente os museus herdeiros de colecções coloniais, ressaltam a ideia de crise face a emergência de novos paradigmas, entre estes os novos contextos multiculturais (que já não são assim tão novos) e a necessidade dos museus se tornarem relevantes para a sociedade actual (p. 6). Apesar das interrogações iniciais, Voogt e Kitungulu concluem que os museus etnográficos podem fazer a diferença, sobretudo a partir de experiências que extrapolem o modelo e as funções tradicionais dos museus, arriscando novos desafios (p. 16). Maior representatividade, inclusão, participação e acesso são assim algumas das questões-chave, em resposta às necessidades das comunidades e do seu desenvolvimento. Neste contexto pode assumir especial relevo o desenvolvimento de políticas museológicas que reflectam sobre a representação da diversidade cultural, nomeadamente no que se refere às comunidades de imigrantes e do seu

património (Duarte, 2010, p. 57). Para o fazer o museu pode socorrer-se da ideia de museu como “zona de contacto” (Clifford, 1997), ou seja um “espaço no qual pessoas geográficas e historicamente separadas entram em contacto entre elas e estabelecem relações” (p. 192). Para traduzir os desafios da relação entre “nós” e os “outros” no mundo globalizado para a prática museológica, James Clifford propõe também a ideia de “museologia cooperativa” (1991, p. 224), assente em estratégias articuladas com as comunidades.

Partindo da premissa de que os museus, especialmente os museus etnográficos, estão a redefinir as estratégias museológicas no sentido de se tornarem instituições mais inclusivas, seleccionamos para esta análise três museus europeus: o World Museum Liverpool (Inglaterra), o Museum of World Culture, em Gotemburgo (Suécia) e o Tropenmuseum, em Amesterdão (Holanda)¹⁰. A partir destes estudos de caso, formulam-se as seguintes questões: de que modo estão a lidar com a diversidade cultural e a responder aos desafios da multiculturalidade? Qual o trabalho desenvolvido por cada um dos museus junto das suas comunidades, com particular atenção para as comunidades de imigrantes e para o seu património? Neste contexto, apropriamo-nos dos fundamentos de Helen Coxall para a definição de práticas de carácter inclusivo: 1) servir as comunidades; 2) consulta com os públicos e comunidades; 3) Práticas de recolha e interpretação; 4) colaboração com organizações externas; 5) trabalho/acção de base interdisciplinar; staffing e formação; e 7) reconhecimento e integração da diversidade nas acções do museu (2006, p. 139).

A partir das primeiras visitas de estudo aos museus em análise e a realização de entrevistas (entre Junho e Setembro de 2011) foi possível fazer um primeiro levantamento e balanço que identifica problemáticas, potencialidades e impossibilidades.

Estudos de caso

A história do World Museum Liverpool recua ao séc. XIX. Sendo um dos mais importantes portos do séc. XIX, Liverpool beneficiou de um prolífico desenvolvimento, que se reflectiu num extraordinário fluxo de pessoas, objectos e outras mercadorias.

¹⁰ No âmbito do projecto de doutoramento em curso o número de estudos de caso em análise é mais alargado, incluindo o Museu Nacional de Etnologia, em Lisboa e o Musée du Quai Branly, em Paris.

Neste contexto floresceu o coleccionismo e, por sua vez, a criação de museus. Este é um dos museus mais antigos de Liverpool e a diversidade das suas colecções reflecte, em grande medida, a história de Liverpool: cidade portuária, cidade de comércio, cidade de acesso à América e à Ásia. Nalguns casos, as biografias dos objectos deste museu permitem descobrir as rotas do império britânico (sobre as trajectórias das colecções etnográficas africanas ver por exemplo Kingdon & Van den Bersselaar, 2008). Assim, colecções etnográficas, arqueológicas, de história natural, instrumentos científicos, incluindo um aquário, para referir algumas, formam parte de um universo muito alargado de objectos museológicos. Após um longo período de reformulação que recua à segunda guerra mundial, quando grande parte do edifício foi destruído por uma bomba incendiária, o museu (re)abre em 2005, sendo que até aí se encontrava reduzido em termos de espaço e apenas apresentava parte das suas colecções (Millard, 2010). A (re)abertura representou, de certo modo, uma metamorfose em vários sentidos, a começar pelo nome (de Liverpool Museum a World Museum Liverpool) e pela renovação de parte da área expositiva, entretanto ampliada, com as galerias “Horseshoe” a integrarem o espaço do museu (anteriormente ocupadas por um instituto universitário). A marcar uma nova fase no World Museum Liverpool e em todos os museus sob a tutela da agência National Museums Liverpool (NML)¹¹, refira-se a nomeação de David Fleming (2001) para o cargo de director e a redefinição da estratégia para estes museus. É sob a direcção de Fleming que se posiciona favorável à inclusão social como ferramenta de mudança e regeneração social (cf. Fleming, 2002), que é criado um grupo de trabalho (NML Diversity Working Group) para promover a noção de diversidade, numa tentativa de melhorar a performance dos museus de Liverpool sobre esta matéria. A promoção da diversidade cultural faz parte de um documento público, no qual se afirma: “Valuing diversity is about recognizing the differences between people and respecting the valuable contribution that those differences can make to society. These differences include race/culture, religion, gender, sexuality, disability and age” (National Museums Liverpool, 2006?).

O Museum of World Culture abriu ao público no final de 2004 a partir de um novo programa museológico, mas herdeiro de colecções etnográficas e arqueológicas (na sua maioria latino-americanas, mas também de outras partes do mundo) do

11 A organização NML foi criada em 1986, nessa altura com a designação de “National Merseyside Museums and Galleries” (NMGM). Em 2003 passou a designar-se NML. Esta organização tutela actualmente 7 museus: International Slavery Museum, Lady Lever Art Gallery, Merseyside Maritime Museum, Sudley House, Walker Art Gallery, World Museum Liverpool e o recentemente inaugurado Museum of Liverpool. Para mais informações consulte: <http://www.liverpoolmuseums.org.uk> (Consult. em 13 Out. 2011).

final do séc. XIX e do séc. XX. O projecto insere-se num contexto mais alargado de reestruturação de museus com colecções de carácter internacional na Suécia, sob a tutela de uma nova agência National Museums of World Culture (1999), que passou a gerir três museus nacionais em Estocolmo (National Ethnographic Museum, Museum of Mediterranean and Near Eastern Antiquities e Museum of Far Eastern Antiquities) e o museu etnográfico de Gotemburgo administrado até então pelo município (para maior aprofundamento cf. Fiskesjö, 2007).

Interdisciplinidade, diálogo e participação das comunidades são palavras-chave na redefinição da ideia de museu que é preconizada por este museu: “In dialogue with others, the Museum of World Culture is a forum for emotional and intellectual encounters that help people feel at home wherever they are, trust each other and accept joint responsibility for the planet’s constantly changing future” (Museum of World Culture, 2004)¹². A palavra “etnográfico” é declaradamente omissa do discurso para privilegiar a ideia de um novo museu, tal como parece confirmar a seguinte afirmação:

“The Museum of World Culture works actively to rejuvenate and modernize the form of museums. The museum is a blend of museum, cultural centre, art scene, debate arena and forum, with the focus on integrating diversity and hybridism into the programmes” (Alin, 2009, p. 10).

Desde que abriu ao público, o museu tem apresentado apenas exposições temporárias¹³, privilegiando uma narrativa que evoca uma forte preocupação com as questões sociais da actualidade, num contexto que não se circunscreve apenas à Suécia, mas à escala global. Disso são exemplo exposições sobre o tráfico humano (Traficking, 2006-2008), sobre a SIDA (No Name Fever, 2004-2006), sobre as comunidades LGBT (Gender Blender, 2006-2007), entre outras.

À semelhança dos exemplos anteriores, o Tropenmuseum é um museu dedicado às culturas do mundo. Os antecedentes do museu recuam a 1864, servindo os propósitos da empresa ultramarina holandesa e o comércio com as colónias (para

12 Após 7 anos desde a abertura, um documento público sobre a missão do museu está a ser reformulado (Muñoz, 2011).

13 Esta estratégia é actualmente objecto de discussão no seio do museu, uma vez que se equaciona a possibilidade de organizar exposições de médio prazo, ou seja entre 5 a 7 anos (Lagerkvist, 2011).

um enquadramento histórico sobre o museu e as colecções cf. Faber & Van Dartel, 2009; Kreps, 1988; Van Brakel & Legêne, 2008; Woudsma, 2004). O museu faz parte do Royal Tropical Institute (KIT), instituição internacional que funciona como centro de investigação na área da saúde, informação, cultura e desenvolvimento económico, e que é em grande parte financiada pelo governo holandês.

O museu foi objecto de várias reestruturações ao longo do séc. XX e a mais recente renovação terminou em 2007, encerrando um período de 10 anos de reorganização das exposições permanentes (cf. Legêne, 2009). Sobre a missão do museu, pode ler-se: “The Tropenmuseum presents, studies and promotes knowledge of and interaction with other cultures. The museum offers perception and experience to a wide and diverse audience using the full spectrum of museological means, which includes exhibitions, collections and expertise, publications, the historic building and educational and other activities” (Tropenmuseum, 2011b)¹⁴.

Museus e inclusão: das possibilidades às impossibilidades?

Entre os três estudos de caso, o World Museum Liverpool destaca-se pelo compromisso público de implementar uma política que reconhece a importância da diversidade cultural e a sua aplicação transversal nas diversas actividades museológicas. Para além do já referido grupo de trabalho para a diversidade, que assegura uma abordagem integrada da diversidade na estrutura e funcionamento, o museu dispõe de um departamento para trabalhar com as comunidades, Communities Department (partilhado pelos 7 museus NML), cuja missão sublinha o compromisso para com a inclusão: “The department serves to engage children and adults who are under-represented, marginalised and at risk of exclusion from society” (National Museums Liverpool, 2010). No cerne da actividade desenvolvida por este departamento, assume especial relevo aquilo que se pode apelidar de “networking”, ou seja o envolvimento do museu com organizações externas diversas (saúde, educação e outras) seja de âmbito estratégico ou local, através da consolidação de parcerias que possam, assim, garantir de forma sustentável o envolvimento com as comunidades a longo prazo. Esta posição é justificada nos seguintes moldes: “We need to (...) demonstrate to partners the benefits of cultural engagement in working together to find solutions to community and neighborhood problems i.e. anti social behavior, employability (...), [and] to identify gaps in the community provision and show how our service can support and enhance

14 Um novo texto sobre a missão do museu está actualmente a ser preparado (Modest, 2011).

people's lives" (National Museums Liverpool, 2010). O trabalho desenvolvido pelo departamento em torno da diversificação de públicos organiza-se também a partir de iniciativas locais e nacionais (ex. Black History Month, Refugee Week¹⁵, International Women's Day, Slavery Remembrance Day), que incluem também a participação em eventos como o Liverpool Irish Festival, Liverpool Arabic Arts Festival, entre outros¹⁶.

Acresce ainda um programa público de exposições comunitárias (cf. National Museums Liverpool Community Exhibition Policy). Para Ruth Phillips, o trabalho colaborativo com as comunidades no contexto das exposições organiza-se a partir de dois modelos distintos: Community-based Exhibit e Multivocal Exhibit (2003). O programa de exposições comunitárias desenvolvido pelos NML recai no primeiro modelo, que de acordo com a definição proposta por Phillips tem a seguinte moldura teórica:

" [In] Community-based exhibits the role of the professional museum curator or staff member is defined as that of a facilitator who puts his or her disciplinary and museological expertise at the service of community members so that their messages can be disseminated as clearly and as effectively as possible. The community is the final arbiter of content, text, and other key components, and the museum becomes an extension of its space, a place in which its own images of its members' lifestyles, values, and concerns are projected" (Phillips, 2003, p. 163)

A realização do programa de exposições comunitárias é operacionalizada através da cedência de uma área expositiva (que também serve de espaço de reunião para as comunidades) em todos os museus da tutela NML. Tal como é sublinhado em documento público – Community Exhibition Policy -, um dos objectivos consiste na representação da diversidade e dos valores identitários das comunidades e do seu património, no contexto local e regional. Esta iniciativa tem poucos anos, pelo menos da forma como é assumida publicamente, mas decorre de um trabalho com as comunidades com alguma tradição nos museus de Liverpool. Neste contexto,

15 Sobre o trabalho desenvolvido pelos museus de Liverpool com grupos de refugiados, ver por exemplo: ("Working with refugees," 2008)

16 Para conhecer cada uma destas actividades pode consultar o site:

<http://www.liverpoolmuseums.org.uk/learning/> (Consult. 15 Out. 2011)



Fig. 1 – Sala de exposições Comunitárias, World Museum Liverpool, 2011. © Ana Carvalho

importa referir que um dos objectivos da estratégia definida para os museus de Liverpool para os próximos anos é tornar-se “the international benchmark for social justice and social inclusion work in museums” (National Museums Liverpool, 2009, p. 15), o que revela uma posição bem demarcada sobre o impacto social que estes museus pretendem alcançar. Todavia, esta postura proactiva relativamente à inclusão social deve ser também enquadrada naquilo que é já uma tradição inglesa no campo do investimento na diversidade cultural ao longo dos últimos 30 anos (cf. Khan, 2006) e no enfoque em práticas de consulta com as comunidades, nomeadamente as da diáspora (Peers & Brown, 2007).

Por outro lado, estas preocupações estão também estreitamente associadas a uma agenda política e social que tem incentivado os museus a trabalhar neste sentido.

Apesar da existência de uma estratégia e de uma tentativa de dotar os museus de Liverpool de infra-estruturas que possam responder a uma abordagem em torno da diversidade cultural, e reportando-nos em particular ao WML, as tensões e resistências não estão ausentes deste processo. Projectos como “Re-Interpret” (National Museums Liverpool, 2007) são um exemplo do trabalho realizado pelo departamento das comunidades em torno de novas leituras de objectos pertencentes às colecções etnográficas com base na colaboração com comunidades locais, mas representam iniciativas pontuais. Por outro lado, apesar do compromisso institucional, parece prevalecer a ausência de comunicação entre o departamento curatorial (ex. colecções etnográficas) e o departamento das comunidades (Kingdom, 2011), que evoca também as fricções entre o poder e o controlo do conhecimento sobre as colecções que é reivindicada pelos curadores e a relação com “novos profissionais”, que não detém o conhecimento aprofundado das colecções, mas que dominam um conjunto de competências que lhes permite trabalhar e desenvolver uma relação de proximidade com as diferentes comunidades.

O Museum of World Culture tem sido referido por vários autores como um exemplo de uma nova vaga de museus, que se tem demarcado de uma postura mais tradicional de museu etnográfico (Golding, 2009; Santos, 2010; Shatanawi, 2011b; Shelton, 2006) e cuja praxis inclui iniciativas de carácter inclusivo (Coxall, 2006). A diversidade cultural é assumida como um pilar do trabalho desenvolvido pelo museu, assente na construção de colaborações dialógicas com diferentes comunidades e a diferentes níveis, e que vai para além das questões da etnicidade (Muñoz, 2011). Pode dizer-se que o museu adopta um discurso sobre diversidade cultural no seu sentido mais alargado, privilegiando duas perspectivas, uma abordagem generalista direccionada para todos os públicos, a par com uma abordagem dirigida a determinados grupos, como, por exemplo, pessoas com necessidades especiais (ex. físicas, intelectuais ou sociais), homossexuais, jovens mulheres, pessoas com “background étnico”, etc., através de exposições ou programas públicos que reflectam esse enfoque (Lagerkvist, 2008, pp. 92-93).

O trabalho com as comunidades de imigrantes ficou patente em projectos como “Advantage Göteborg” (2003-2004), que tinha como objectivo integrar um grupo de cidadãos com ligação ao Corno de África no mercado de trabalho. O projecto incluiu actividades em torno da reinterpretação de colecções, e a participação na exposição “Horizons: Voices from a global Africa” (2004-2007), que incorporou os testemunhos orais deste grupo de pessoas (cf. Golding, 2009, pp. 99-100). O projecto não foi isento de negociações, tensões e dificuldades (cf. Lagerkvist, 2006; Rinçon, 2005), sendo possível reconhecer que o trabalho de colaboração com as comunidades é um processo que se constrói e que requer uma reaprendizagem de práticas. Tanto na exposição referida como na maioria das exposições já realizadas pelo museu, a estratégia adoptada parece privilegiar o segundo modelo identificado por Ruth Phillips, the Multicoval Exhibit, segundo o qual curadores e representantes/consultores das comunidades trabalham em conjunto para a coexistência de múltiplas perspectivas (Phillips, 2003, p. 164). Tomando como exemplo a exposição “Destination X” (2010-2012), que explora os diferentes significados que a ideia de viagem pode implicar - do turista ao peregrino, ao backpacker, ao refugiado, ao viajante do séc. XIX, ao imigrante dos tempos modernos - o tema é colocado em perspectiva. A par com o discurso curatorial, emerge a diversidade de vozes, seja através da inclusão de citações diversas, seja através de narrativas sob a forma de texto, de vídeo ou outras que dão conta de um leque alargado de pontos de vista, desde o académico a outros especialistas e às experiências pessoais até às interpretações artísticas (poesia, fotografia, música, artes visuais, etc.) sobre a temática.



Fig. 2 - "Ride. Audio installation by Palle Dahlstedt.

The exhibition deals with most aspects of travel – its conditions, causes and consequences. But I want to give an impression of the movement in itself, of going somewhere, because that aspect was lacking. Palle Dahlstedt is composer, sound artist and researcher, active at the Academy of Music and Drama, and at the Dept. of Applied Information Technology at the University of Gothenburg/Chalmers.” (Legenda da exposição “Destination X”). © Ana Carvalho

“Community Nights” foi também um projecto desenvolvido pelo museu com o objectivo de envolver as comunidades, convidando organizações e grupos locais (ex. organizações desportivas, de solidariedade, associações diversas, etc.) a organizar os seus eventos e programas no espaço museu (Museum of World Culture, 2011). Tomando em consideração a análise de Ruth Phillips para a definição de “Community-based Exhibit”, pode dizer-se que este projecto formula um enquadramento similar a que poderíamos designar de “Community-based Event”, no qual o museu permanece como intermediário ao serviço das comunidades, que passam a projectar no museu a sua mensagem, ainda que dentro de uma estratégia “autorizada” pela instituição e de acordo com princípios regularizadores, nomeadamente em função da legislação vigente e em respeito para com a Declaração dos Direitos Humanos (Lagerkvist, 2008, p. 97). Este programa foi entretanto interrompido, não só pelo decréscimo de propostas (e da sua

diversidade e qualidade) por parte das comunidades (Rees, 2011; Lagerkvist, 2011), como também pelo consumo de tempo exigido ao pessoal do museu para mediar a organização dos eventos, tendo em conta que muitas das propostas de eventos surgiam a partir de organizações não profissionais (Rees, 2011). Por outro lado, os públicos dos programas das “community nights” dificilmente visitavam as exposições temporárias (Rees, 2011), frustrando, assim, o objectivo de captar e cativar estes públicos para outros eventos promovidos pelo museu. A equipa do museu equaciona agora a possibilidade de rever o projecto e a forma de trabalhar com as comunidades neste contexto (Rees, 2011), atendendo às razões já enunciadas.

Todavia, projectos como os que foram referidos foram imprescindíveis para repensar ou reinventar as formas de actuar. Actualmente, o museu considera a implementação de uma estratégia que tem por base a criação de um “programa de embaixadores”, no qual são convidados stakeholders que irão funcionar como intermediários entre o museu e as diferentes comunidades (Rees, 2011).

O Tropenmuseum é um museu que tem assumido uma atitude reflexiva em torno das suas estratégias e práticas. Disso é exemplo a conferência “Tropenmuseum for a Change! Present Between Past and Future” (2008), que reuniu especialistas de várias partes do mundo para reflectir sobre a reorganização das exposições permanentes. E também a conferência “Can We Make a Difference? Museums, Society and Development in North and South (2008), que juntou vários profissionais para discutir a crise dos museus etnográficos. Nos dois debates, organizados pelo museu, foi suficientemente discutida a necessidade do museu se relacionar mais com os públicos e de um papel mais activo na sociedade multicultural. Apesar de não serem raros os contactos entre curadores e as comunidades, nomeadamente as de imigrantes (cf. Shatanawi, 2011a; Shatanawi, 2011b), não existem resultados tangíveis de uma estratégia que se possa estender ao museu na sua globalidade. De facto, embora o museu reconheça a importância de se tornar uma instituição mais inclusiva (Modest, 2011), prevalece uma atitude de alguma contenção sobre o tema, justificada, entre outras razões, pelo facto de não haver uma tradição dos museus holandeses neste sentido (Shatanawi, 2011c).

Por outro lado, o trabalho com as comunidades exige, para além de tempo, um compromisso com repercussões nos orçamentos das instituições. Neste contexto, impõe-se a pergunta: Faz sentido falar de inclusão em tempo de crise? Na Holanda, prevê-se que os museus nacionais sofram um corte de 26% (Weide, 2011), o que representa limitações tangíveis e difíceis de gerir. Para além disso, o

governo holandês declarou publicamente o fim das políticas multiculturais neste país (Shatanawi, 2011a, p. 1), o que significa a perda de financiamento de muitas organizações culturais dedicadas à diversidade cultural a partir dos próximos anos. Ainda no contexto de restrições políticas e económicas, foi anunciado muito recentemente que o Tropenmuseum deixará de ser financiado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, entidade que tutela o museu (80%), com repercussões a partir de 1 de Janeiro de 2013 (Royal Tropical Institute, 2011; Tropenmuseum, 2011a), sendo que o museu corre, assim, o risco de fechar. Diante de contextos políticos e económicos austeros e favoráveis a um ambiente exclusivo, como parece ser o caso na Holanda, mas cujas consequências se fazem sentir também noutros países europeus, pode a inclusão ser uma realidade ou apenas uma ambição adiada? Por outro lado, publicações recentes como “More Than Worth It” (Netherlands Museums Association & DSP-groep, 2011) sublinham a importância do valor social dos museus (expressos através de cinco valores: Collection Value, Connecting Value, Educational Value, Aesthetic Value e Economic value), e da necessidade de equacionar esta perspectiva de forma mais efectiva e proactiva a favor dos museus. Na situação de crise em que se vive, em que a cultura de public accountability, para citar Alice Semedo (2011), se traduz no maior enfoque da avaliação dos impactos causados pelo museu na sociedade, como podem os museus demonstrar a sua relevância (e como tal merecedor de apoios) se não também pela sua capacidade de se relacionar com o tecido social, cultural e económico envolvente? Avaliar a sua capacidade de networking, ou seja a criação de laços, relações, parcerias, links com outras organizações, que poderão não ser apenas aquelas com quem o museu tradicionalmente trabalha, mas alargadas a outros campos (saúde, organizações sociais, etc.). Assim, ao mesmo tempo que a crise obriga a uma economia de meios, e por sua vez, uma acção condicionada na sociedade, o impacto social dos museus é cada vez mais um factor decisivo para confirmar a relevância de um museu e, porventura, a sua sobrevivência num contexto cada vez mais competitivo entre as organizações “público-dependentes” (e não só).

Conclusão

Em jeito de conclusão, pode dizer-se que a inclusão é um tema que não é indiferente aos museus etnográficos, sejam estes de perfil mais tradicional ou não. Por outro lado, esta é uma questão transversal, ainda que atendendo a que os estudos de caso identificados se situem em contextos culturais distintos, organizados a partir de diferentes sistemas de museus e, conseqüentemente diferentes “tradições” de organização e funcionamento, e, ainda, agendas políticas e sociais. O que parece ser divergente, e tendo em conta os museus analisados, é até que ponto estes

museus estão comprometidos com o desafio se tornarem uma instituição inclusiva. Efectivamente, não existe um modelo para um museu se tornar inclusivo, tal como parece comprovar esta análise preliminar, mas a necessidade de se reflectir numa base de projecto a projecto, mas que se socorra de um posicionamento estratégico do museu sobre estas matérias. Só assim é possível fazer face aos contextos políticos e económicos mais adversos e valorizar o valor social dos museus, através de uma articulação e envolvimento com outros actores, a favor da inclusão e do desenvolvimento.

Referencias Bibliográficas.

Alin, M. (Ed.). (2009). So far. Göteborg: Museum of World Culture.

Clifford, J. (1991). Four Northwest Coast Museums. In I. Karp & S. D. Lavine (Eds.), *Exhibiting cultures: the poetics and politics of museum display* (pp. 212-254). Washington; London: Smithsonian Institution Press.

Clifford, J. (1997). Museums as contact zones. In J. Clifford (Ed.), *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge, Mass: Harvard University Press.

Coxall, H. (2006). Open Minds: Inclusive Practice. In H. H. Genoways (Ed.), *Museum philosophy for the twenty-first century* (pp. 139-149). Lanham: Altamira Press.

Duarte, A. (2010). O desafio de não ficarmos pela preservação do património cultural imaterial. In A. Semedo & E. N. Nascimento (Eds.), *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola* (Vol. 1, pp. 41-61). Porto: Universidade do Porto.

Faber, P., & Van Dartel, D. (2009). Introduction. In D. Van Dartel (Ed.), *Tropenmuseum for a change!: present between past and future: a symposium report* (Vol. Bulletin 391, pp. 7-11). Amsterdam: KIT Publishers.

Fiskesjö, M. (2007). The trouble with world culture: Recent museum developments in Sweden. *Anthropology Today*, 23(5), 6–11.

Fleming, D. (2002). Positioning the museum for social inclusion. In R. Sandell (Ed.), *Museums, society, inequality*. London: Routledge.

Golding, V. (2009). Power: Inserting New Visibilities in the Museum Margins. In V.

Golding (Ed.), *Learning at the museum frontiers: identity, race and power* (pp. 79-105). Farnham: Ashgate.

Hooper-Greenhill, E. (2000). *Museums and the interpretation of visual culture*. London: Routledge.

Hudson, K. (1987). *Museums of influence*. Cambridge: Cambridge University Press.

ICOM. (1997). *Museums and cultural diversity: policy statement*. Consultado em Setembro 15, 2011, em <http://archives.icom.museum/diversity.html>

Karp, I., & et al. (Eds.). (2006). *Museum frictions: public cultures/global transformations*. Durham, N.C.; London: Duke University Press.

Khan, N. (2006). Arts Council England and diversity: striving for change: Naseem Khan traces the Arts Council's engagement with cultural diversity over the past 30 years and asks why hasn't more changed. In H. Maitland (Ed.), *Navigating difference: cultural diversity and audience development* (pp. 21-26): Arts Council England.

Kingdon, Z., & Van den Bersselaar, D. (2008). *Collecting Empire? African objects, West African trade, and a Liverpool museum*. In S. Haggerty, A. Webster & N. J. White (Eds.), *The empire in one city?: Liverpool's inconvenient imperial past* (pp. 100-122). **Manchester:** Manchester University Press.

Kratz, C., & Karp, I. (2006). Introduction. In I. Karp & [et al.] (Eds.), *Museum frictions: public cultures/global transformations* (pp. 1-31). Durham, N.C.; London: Duke University Press.

Kreps, C. F. (1988). *Decolonizing anthropology museums: the Dutch example*. University of Oregon, Oregon.

Lagerkvist, C. (2006). Empowerment and anger: learning how to share ownership of the museum. *Museum and Society*, 4(2), 52-68.

Lagerkvist, C. (2008). The Museum of World Culture: a "glocal" museum of new kind. In K. Goodnow & H. Akman (Eds.), *Scandinavian museums and cultural diversity* (pp. 89-100): UNESCO.

Legêne, S. (2009). Refurbishment: The Tropenmuseum for a change. In D. Van Dartel (Ed.), Tropenmuseum for a change!: present between past and future: a symposium report (Vol. Bulletin 391, pp. 12-22). Amsterdam: KIT Publishers.

Millard, J. (2010). Liverpool's museum: the first 150 years. Consultado Janeiro, 3 Jan 2011, em:

http://www.liverpoolmuseums.org.uk/wml/history/WML_150_years.pdf

Muñoz, A. (2008). When the 'other' became the neighbour. In P. R. Voogt (Ed.), Can we make a difference?: Museums, society and development in North and South (pp. 54-62). Amsterdam: KIT Publishers.

Museum of World Culture. (2004). Backgrounder: Museum of World Culture. Consultado em Agosto 25, 2009, em

<http://www.varldskulturmuseet.se/content/1/c4/41/59/ccf2186eaf3c.pdf>

Museum of World Culture. (2011). Community Nights. Consultado Outubro 13, 2011, em:

http://www.varldskulturmuseet.se/smvk/jsp/polopoly.jsp?d=824&a=5884&l=en_US

National Museums Liverpool. (2006?). Equality and Diversity within National Museums Liverpool. Consultado Outubro 22, 2011, em:

http://www.liverpoolmuseums.org.uk/about/corporate/documents/Equality_and_diversity_policy.pdf

National Museums Liverpool. (2007). Re-interpret. Consultado Outubro 15, 2011, em:

<http://www.liverpoolmuseums.org.uk/learning/community/diversity/refugees/reinterpret.aspx>

National Museums Liverpool. (2009). Strategic plan: 2009-2011. em

http://www.liverpoolmuseums.org.uk/about/documents/strategic_plan_09-11.pdf

National Museums Liverpool. (2010). Communities Department Action Plan. National Museums Liverpool.

Netherlands Museums Association, & DSP-groep. (2011). More than worth it: the social significance of museums. em:

<http://www.museumvereniging.nl/LinkClick.aspx?fileticket=cAjXpj4iX-Q%3D&tabid=674>

Peers, L., & Brown, A. (2007). Museums and source communities. In S. Watson (Ed.), Museums and their communities (pp. 519-537). London: Routledge.

Phillips, R. B. (2003). Community collaboration in exhibitions: toward a dialogic paradigm. Introduction. In L. Peers & A. Brown (Eds.), Museums and source communities: a Routledge reader (pp. 155-170). London: Routledge.

Pieterse, J. N. (2005). Discourse about others in the age of globalization. In G. Corsane (Ed.), Heritage, museums and galleries: An introductory reader (pp. 163-183). London: Routledge.

Rinçon, L. (2005). My voice in a glass box: Objectifying processes in collecting practices at the National Museum of World Culture in Sweden. ICME Papers, 1-7. Royal Tropical Institute. (2011). Royal Tropical Institute threatened by funding termination on culture. Royal Tropical Institute News, 12 October 2011 [Versão eletrónica]. Consultado em Outubro 22, 2011, em <http://www.kit.nl/kit/Royal-Tropical-Institute-threatened-by-funding-termination-on-culture>

Santos, P. A. d. (2010). Give or take: thoughts on museum collections as working tools and their connection with human beings. Cadernos de Sociomuseologia, 38, 75-87.

Semedo, A. (2011). Cuestiones sobre democracia y otros hechizos: (Des)armonía en los museos. In C. Rico (Ed.), Museos: del templo al laboratorio. Madrid: Silex Ediciones.

Shatanawi, M. (2011a). Becoming an inclusive museum in an exclusionist environment. Unpublished paper presented at the 4th International Conference on the Inclusive Museum, Johannesburg, 1 July 2011.

Shatanawi, M. (2011b). Engaging Islam: Working with Muslim Communities in a Multicultural Society. Unpublished article.

Shelton, A. (2006). Museums and anthropologies: practices and narratives. In S. Macdonald (Ed.), A companion to museum studies (pp. 64-80). [Oxford]: Blackwell. Tropenmuseum. (2011a). Support us: survival threatened by funding withdrawal. Tropenmuseum news [Versão Eletrónica]. Consultado em Outubro 22, 2011, em: <http://www.tropenmuseum.nl/-/MUS/70314/Tropenmuseum/About-Tropenmuseum/Support-us> **Tropenmuseum.** (2011b). Tropenmuseum: Mission Statement. Consultado Dezembro 14, 2011, em: <http://www.tropenmuseum.nl/MUS/12869/Tropenmuseum/About-Tropenmuseum/Organization-and-staff>

UNESCO. (2001). Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Paris: UNESCO.

UNESCO. (2003). Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Paris: UNESCO.

UNESCO. (2005). Convenção sobre a Protecção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais. Paris: UNESCO.

Van Brakel, K., & Legêne, S. (Eds.). (2008). Collecting at Cultural Crossroads: Collection Policies and Approaches (2008-2012) of the Tropenmuseum. Amsterdam: KIT Tropenmuseum.

Voogt, P., & Kitungulu, L. (2008). Introduction. In P. Voogt (Ed.), Can we make a difference?: Museums, society and development in North and South (Vol. Bulletin 387, pp. 5-16). Amsterdam: KIT Publishers.

Weide, S. (2011). The value of museums: stronghold for museum institutions in times of financial instability. NEMO - Newsletter of the Network of European Museum Organisations(1).

Working with refugees. (2008). Museum Practice(44), 61-63.

Woudsma, J. (2004). An Amsterdam landmark: the Royal Tropical Institute. Amsterdam: KIT Publishers.

Lista de Entrevistas.

Lagerkvist, C. (2011). Entrevista conduzida pela autora a 13 Junho, no Museum of World Culture, Gotemburgo.

Rees, E. (2011). Entrevista conduzida pela autora a 17 de Junho, no Museum of World Culture, Gotemburgo.

Muñoz, A. (2011). Entrevista conduzida pela autora a 15 de Junho, no Museum of World Culture, Gotemburgo.

Kingdom, Z. (2011). Entrevista conduzida pela autora a 22 de Setembro, no World Museum Liverpool.

Robinson, H (2011). Entrevista conduzida pela autora a 22 de Setembro, no World Museum Liverpool.

Modest, W. (2011). Entrevista conduzida pela autora a 29 de Setembro, no Tropenmuseum, Amesterdão.

Shatanawi, M. (2011c). Entrevista conduzida pela autora a 29 de Setembro, no Tropenmuseum, Amesterdão.